

Crítica Literária

Antonio Cardoso Filho



São Cristóvão/SE
2011

Crítica Literária

Elaboração de Conteúdo

Antonio Cardoso Filho

Projeto Gráfico e Capa

Hermeson Alves de Menezes

Diagramação

Neverton Correia da Silva

Copyright © 2011, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.
Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

C268c Cardoso Filho, Antonio.
Crítica Literária/ Antonio Cardoso Filho -- São
Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011.

1. Literatura. 2. Crítica literária. 3. Arte. I. Título.

ISBN 978-85-7822-163-8

CDU 82.09

Presidente da República

Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação

Fernando Haddad

Secretário de Educação a Distância

Carlos Eduardo Bielschowsky

Reitor

Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor

Angelo Roberto Antonioli

Chefe de Gabinete

Ednalva Freire Caetano

Coordenador Geral da UAB/UFS**Diretor do CESAD**

Antônio Ponciano Bezerra

Vice-coordenador da UAB/UFS**Vice-diretor do CESAD**

Fábio Alves dos Santos

Diretoria Pedagógica

Clotildes Farias de Sousa (Diretora)

Diretoria Administrativa e Financeira

Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)

Sylvia Helena de Almeida Soares

Valter Siqueira Alves

Coordenação de Cursos

Djalma Andrade (Coordenadora)

Núcleo de Formação Continuada

Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Núcleo de Avaliação

Hérica dos Santos Matos (Coordenadora)

Carlos Alberto Vasconcelos

Núcleo de Serviços Gráficos e Audiovisuais

Giselda Barros

Núcleo de Tecnologia da Informação

João Eduardo Batista de Deus Anselmo

Marcel da Conceição Souza

Raimundo Araujo de Almeida Júnior

Assessoria de Comunicação

Edvar Freire Caetano

Guilherme Borba Gouy

Coordenadores de Curso

Denis Menezes (Letras Portugêses)

Eduardo Farias (Administração)

Haroldo Dorea (Química)

Hassan Sherafat (Matemática)

Hélio Mario Araújo (Geografia)

Lourival Santana (História)

Marcelo Macedo (Física)

Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria

Edvan dos Santos Sousa (Física)

Geraldo Ferreira Souza Júnior (Matemática)

Ayslan Jorge Santos de Araujo (Administração)

Carolina Nunes Goes (História)

Rafael de Jesus Santana (Química)

Gleise Campos Pinto Santana (Geografia)

Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)

Vanessa Santos Góes (Letras Portugêses)

Lívia Carvalho Santos (Presencial)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Menezes (Coordenador)

Arthur Pinto R. S. Almeida

Marcio Roberto de Oliveira Mendoça

Nevertton Correia da Silva

Nycolas Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"

Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze

CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE

Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

AULA 1	
O que é crítica literária?.....	07
AULA 2	
Como elaborar o texto crítico	17
AULA 3	
Arte e Cultura	29
AULA 4	
A literatura e a realidade social	41
AULA 5	
A literatura como um valor autônomo: haverá um ser da literatura?...	49
AULA 6	
Teorias imanentistas do texto literário: a crítica formalista e a crítica fenomenológica.....	57
AULA 7	
A crítica estruturalista.....	67
AULA 8	
A nova crítica angloamericana	75
AULA 9	
A crítica sociológica.....	83
AULA 10	
A Crítica psicanalítica	91

O QUE É CRÍTICA LITERÁRIA?

META

Apresentar a natureza da crítica literária e sua função na exploração do texto.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o Aluno deverá:

estabelecer a natureza da crítica literária;

diferenciar as características da crítica que a aproximam da natureza do discurso literário e da natureza do discurso científico;

reconhecer o papel da crítica no estabelecimento de um sentido para a obra;

definir a crítica como um procedimento semiológico sobre a obra literária.

PRÉ-REQUISITOS

Na verdade, tudo o que foi ensinado em Teoria da Literatura até agora é importante para o nosso estudo de hoje. Porém, as aulas 8, 9 e 10 da disciplina Teoria da Literatura I lhe farão lembrar questões que, em momento algum, poderão estar esquecidas para a tarefa da crítica literária.



(Fonte: <http://imagestange.google.com.br>).

INTRODUÇÃO

Várias já foram as categorias literárias estudadas nas disciplinas "Teoria da Literatura I" e "Teoria da Literatura II". Todas elas procuram esclarecer tanto os elementos constituintes do texto literário como as concepções com que é vista a literatura. Conhecer o modo de funcionamento da obra não é um exercício academicista de “brincar inconsequentemente” com a literatura. Pelo contrário, é a ferramenta necessária para se poder analisar o texto e tirar dele ideias que, associadas ao nosso conhecimento de mundo, permitam uma reflexão sobre a arte, sobre a linguagem e sobre as questões da existência, tanto do ponto de vista material como transcendental, ou seja, tanto do ponto de vista formal como do ponto de vista da metafísica da linguagem. Afinal de contas, a obra fechada na estante da biblioteca não tem funcionalidade. Ela só exerce o seu papel de literatura no ato de leitura. Só aqui ela é uma palavra viva, uma palavra atuante. A obra existe para ser lida e, nessa leitura, põe o mundo em “ato” sem ser cópia dele. Pôr o mundo em ato é atualizar, pelo discurso, as formas de estar no mundo, formas conhecidas e formas novas. A literatura põe o literato no campo da fantasia e é nesse campo que ele produz os possíveis: os possíveis de ser, de existir, de pensar, de sonhar. Pelo verossímil, o escritor alça voo e oferece ao público a arte literária.

Nesta aula, vamos falar sobre o que é a crítica literária e, conseqüentemente, vamos introduzir você no modo de fazê-la. Mas, antes, é importante saber que ao falar aqui em crítica literária estamos situando-a principalmente no campo metodológico em que a literatura é reconhecida em seu lugar de valor próprio.



(Fonte: <http://images.google.com.br>).

CRÍTICA LITERÁRIA

Falar da crítica literária não é algo claro por si mesmo. Primeiro, porque nos acostumamos a pensar nela como se fosse a apreciação de um sentido já dado em determinada obra. Segundo, porque ela compartilha tanto da natureza das ciências humanas como da natureza da ficção. Cabe-nos, então, nesse momento, a pergunta fundamental dessa discussão: o que é a crítica literária? Qual o seu sentido? Por onde andamos quando investimos em seu campo?

Inicialmente, partimos do fato de que a obra é a denúncia de um vazio no mundo. É a denúncia de um vazio porque só se pode colocar algo em um espaço em aberto, ou seja, não preenchido, portanto, vazio. Se o sentido do mundo estivesse completo, não haveria mais lugar para se pensar, para se refletir, para se criar. A arte é sempre a revelação de um sentido novo, logo, denuncia lacunas no mundo, visto esse mundo ser uma organização de linguagem, de significações. Por outro lado, a arte também produz uma lacuna na zona da linguagem, pois nenhum sentido é completo, mesmo o sentido novo trazido pela obra. Essa, aliás, é uma característica da linguagem, que se revela pela ambiguidade. Sentido ambíguo é sentido não preciso, é sentido fugaz, dúbio.

Em resumo, toda ambiguidade de sentido acarreta um vazio no discurso, que requer uma ação constante de preenchimento. É nessa abertura do texto que a crítica tenta penetrar. Mas quais os efeitos da crítica se a sua ação se dá no espaço da ausência, no espaço do vazio, do não-dito do enunciado?

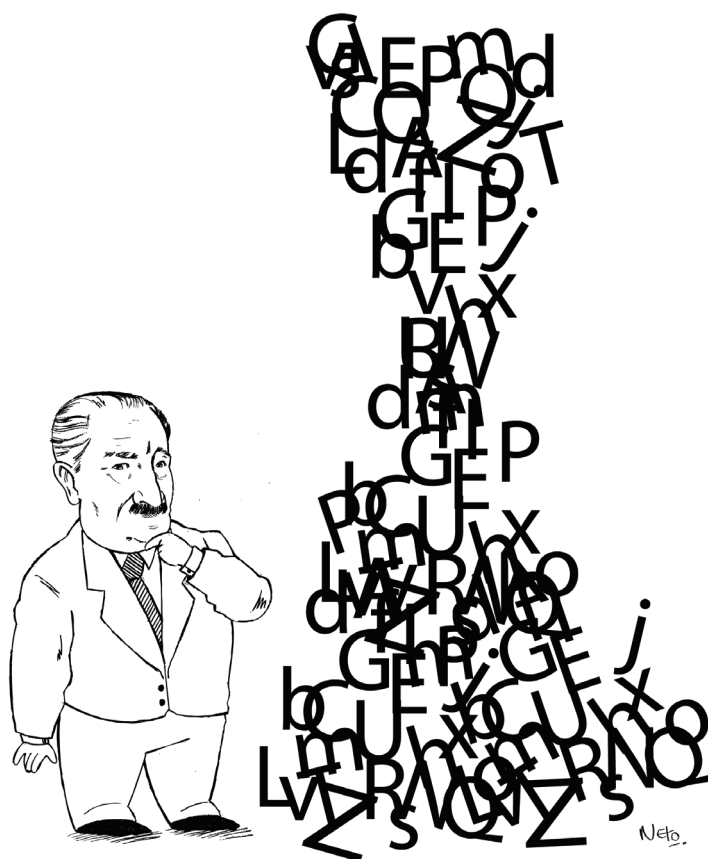
A crítica não é a busca do sentido da obra, é a **parturição** desse sentido. Buscar o sentido da obra seria atestar o reconhecimento de que ela carrega consigo um sentido pré-existente e, se assim fosse, não haveria nenhuma lacuna por ela produzida na ordem da linguagem e a crítica perderia a sua razão de ser vez que as suas investidas de interpretação redundariam sempre no lugar-comum do sentido primeiro. O objetivo da crítica é penetrar na obra enquanto lugar de abertura do mundo, naquele lugar onde a falta de sentido se instaura. Criticar é fazer leitura, é criar um espaço onde a linguagem recupera o seu estatuto de prevalência sobre o homem, imerso na ilusão de um senhorio sobre a linguagem por ser capaz de manejar o discurso. Por sua vez, o discurso da obra é um convite ao crítico para adentrar-se no espaço da linguagem onde o próprio homem submerge porque só nela ele se constitui.

Heidegger afirma que o homem se comporta como se fosse ele o criador da linguagem e sobre ela exercesse seu domínio soberano. Mas, ao contrário, a soberania pertence à linguagem. E – continua ele explicando – quando esta relação de soberania se inverte, “estranhas maquinações” chegam ao pensamento do homem: a linguagem passa a funcionar como

Parturição

Ato de parir, de dar à luz.

um simples “meio de expressão”. Ora, esse domínio da fala é que dá a ilusão de controle sobre a linguagem. Se a crítica situa-se no nível do discurso e, portanto, se apoia inicialmente sobre a parcialidade do “meio de expressão”, não podemos descuidar-nos, contudo, de que o que o discurso crítico faz é restituir a obra ao campo maior da linguagem numa recorrência ininterrupta aos discursos possíveis. O objetivo da crítica, assim, não é o discurso em sua parcialidade, mas a linguagem em sua dimensão maior, a linguagem como suporte do mundo, a linguagem como o lugar da significação e, portanto, o lugar de onde provém toda interpretação que organiza o mundo.



A obra literária é criação de linguagem nos moldes da ficção, e nessa natureza ela se faz o exercício pleno da palavra em liberdade, da palavra cujo referente é criado por ela mesma e nela mesma, desvinculando-se de qualquer comprometimento com critérios de verdade que extrapolem a verdade estética e afastando-se, nesse ponto, de toda relação com a ciência. É a noção referencial da literatura, trazendo sua diferença em relação ao discurso ordinário, pragmático, que se refere aos objetos do mundo. O discurso literário refere-se aos objetos criados no próprio mundo literário, no mundo ficcional, que se sustenta pela recorrência à significação.

A crítica, até certo ponto, compartilha dessa natureza do texto ficcional, porquanto ela é, acima de tudo, criação de novos horizontes de sentido. Criticar é criar porque é retomar o timão do discurso para envolver-se nas articulações da palavra, mas da palavra plena da obra, aquela que provoca a emergência da verdade do mundo, que é exatamente a ausência da verdade total. A crítica é o exercício da busca e Fernando Pessoa já se pronunciou muito bem a respeito desse exercício ao afirmar que

O segredo da busca é que não se acha.

No caso do discurso literário, se acha porque o objetivo da busca é encontrar a plenitude da palavra na mítica da linguagem: a perfeita adequação entre a palavra e a coisa designada, e isso não passa de um exercício de busca, de um ideal mítico.

O texto literário, por causa de sua abertura plena para o sentido, não está atrelado à identidade de um significado, qualquer que seja ele. Antes, filia-se à natureza da potência significante, o que nos permite questionar a afirmação de um ser do texto pré-existente à crítica, exceto em sua dimensão significante. A obra, em sua aparente dimensão signíca (de significante unido ao significado), apaga-se face ao caráter significante, e aqui ela requer a ação constante do leitor, sendo a crítica, portanto, que opera a continuidade do seu ser, ainda assim a continuidade de um ser de fugacidade, de um ser de passagem. A crítica age a partir do significante, e do significante vazio, do significante dissociado do significado. Daí a intervenção do sujeito da crítica na obra. Ele intervém para poder realizar uma parcela de suprimento no que falta ao discurso dela. Não se trata de um suprimento que leva à completude, mas de um suprimento significante gerador de novos vazios. Nesse sentido, a crítica ergue-se também como a palavra em liberdade, como a linguagem em plena efervescência, sem com isso filiar-se totalmente à natureza da ficção, pois o significante de que parte é não apenas objetivo mas também serve de balizamento ao ato criador do crítico - um ato semiológico. O leitor não constrói sua interpretação à revelia da obra, mas a partir do discurso dado. A crítica não é um ato delirante do leitor, é uma entrada na **semiose** do discurso e outro direito não lhe é dado além de seguir as possibilidades do significante. É nesse aspecto que a crítica se volta para o discurso científico na exigência do rigor metodológico.

Apesar de se falar em liberdade da palavra na crítica, trata-se de uma liberdade dominada pelas possibilidades de demonstração no texto em apreço. Esse caráter a afasta da pura ficção, colocando-a numa natureza mista de liberdade e aprisionamento. A crítica não é um mero apêndice da obra, é antes uma exigência sem a qual a obra resvala para a sombra da inércia.

Na incompletude do texto e em sua força metafórica, encontra-se também a explicação para a ficção da crítica, para o devaneio do discurso crítico, pois o ato crítico não se fundamenta no ser do significado, como já

Semiose

Processo de criação de novas significações, ou mesmo o conjunto de significações presentes no texto. A semiologia é o estudo dos signos na comunidade social.

afirmamos, mas no ser do significante. Ao falarmos em ser do significante estamos levando em consideração não apenas a letra do signo mas também a matéria ideativa, o significado imediato que este signo acarreta. Esse significado imediato, contudo, não é tomado como o significado verdadeiro do texto, o que desarticulária a sua força proliferadora de novos sentidos. Ele é tomado como potência significante geradora de “n” sentidos.



(Fonte: <http://farm4.static.flickr.com>).

CONCLUSÃO

Por questionar as verdades discursivas e manter-se em busca da verdade do real, a obra literária é desvelamento do mundo. Se a tomarmos como verdade nela mesma, estaremos incluindo-a na categoria dos mitos de fundação, que se pretendem como verdades históricas, fato refutado não apenas pela obra como também pela crítica. Tomar a crítica como a verdade completa da obra significa mutilar a obra naquilo que ela tem de força criadora, é reduzir o texto ao plano político-ideológico. Isso não significa negar a ideologia, seja esta ou aquela, que qualquer obra arrasta consigo, mas significa tomar até mesmo a matéria ideológica como matéria significante, pois assumir um significado como pleno implica minimizar a obra em sua natureza artística de vir-a-ser. A potência da obra advém do significante que, ao colocar um vazio em vigência, chama a si a participação da crítica no processo de construção de si mesma. É que o livro é acabado, mas a obra, enquanto literária, jamais. A obra enquanto abertura do mundo se completa em cada leitura, e como as possibilidades de leitura são infinitas isso redundando na incompletude perene da obra, em sua dimensão literária. É através desse vazio posto e imposto pela dimensão significante que a obra abre espaço para que a crítica seja uma outra criação, pois se a crítica por um lado não se faz “**ex-nihilo**”, por outro, a matéria de que ela dispõe não lhe oferece outro conteúdo senão o significante da falta, abrindo-lhe o espaço do vazio.

A crítica é uma operação de linguagem que resgata a obra do estado de inanição em que se encontra fora da relação com a leitura. Não há palavra isolada, não há comunicação divorciada das articulações discursivas, por isso o papel da crítica é devolver a obra à linguagem em sua dinâmica de ação e produção. Não se trata de recompor a obra: trata-se de levá-la além ao remetê-la a si mesma num processo dialético que só o sujeito, imerso na temporalidade do discurso, pode realizar.

Agora que você já sabe o que é a crítica literária, na próxima Aula irá ver a maneira como deve ser organizada academicamente, ou seja, como se deve elaborar a crítica numa estrutura completa com Introdução, Desenvolvimento e Conclusão. Você verá também algumas normas para indicar as referências utilizadas.

Ex-nihilo

Expressão latina para indicar que nada se faz a partir do nada.



RESUMO

- A crítica literária participa de duas naturezas antagônicas: a do discurso ficcional e a do discurso científico. Enquanto recurso à criação de novos sentidos para a obra, ela compartilha da natureza da ficção; enquanto expressão de um pensamento organizado logicamente a partir da obra, ela comunga da natureza da ciência.
- A crítica não é um trabalho de decodificação do texto, mas um trabalho de produção de sentido.
- O objetivo da crítica é entrar na obra enquanto lugar de abertura do mundo, lugar onde o mundo se abre às significações num processo ininterrupto de semiose literária.
- A obra literária é uma potência significante, isso quer dizer que ela não está fechada em um significado, mas aberta à multiplicidade de significados. Se por um lado, a obra literária é desvelamento do mundo, é revelação de sentidos, por outro, a crítica é desvelamento da obra, é reinserção da obra no mundo dos sentidos.



ATIVIDADES

A lagarta

Descobrimos a lagarta no quintal: do tamanho de um dedo, cinzesverdeada, arrastava-se nos ladrilhos perto do tanque. Resolvemos criá-la. Um trouxe uma caixa de papelão, outro buscou areia. Pusemos folhinhas verdes lá dentro. Pensamos até em amestrá-la.

Todas as manhãs nos reuníamos no quintal com a lagarta: horas inteiras vendo seu arrastar lento no lajedo. Púnhamos ramos no seu caminho e ela ora passava por cima, ora desviava. Atrás dela ficava aquele risco luminoso que nunca chegamos a entender bem o que era. Um dia, quando o tempo ameaçava, os outros não vieram. Ficamos sós, a lagarta e eu. Levei-a para o quintal, toda minha, e fiquei olhando a sua marcha desajeitada. Então pensei que ela devia ser toda luminosa e pensei que se tivesse um alfinete seria mais divertido. Fui lá dentro. Não encontrando alfinete, trouxe um grampo de cabelo mesmo. Com ele furei a lagarta. Do furo saiu uma gosma branca, enquanto ela se contorcia, presa pelo grampo.

A chuva começou a cair, mas não senti; a mãe chamou e não ouvi. Só havia a lagarta se contorcendo na ponta do grampo que eu mantinha firme. Furei de novo, e de cada furo saía a mesma gosma branca. Não saiu outra coisa de dentro da lagarta; mesmo assim achei divertido. Até que ela ficou parada, só mexendo o rabo de vez em quando. Aí a chuva apertou e a mãe chamou de novo. Guardei a lagarta na caixa e entrei.

À noite, desobedeci o pai e ele ameaçou. Mas lembrei da lagarta e não tive medo. Mais tarde, fui espiar a caixa: ela estava lá, quietinha com o grampo ainda espetado. Voltei para a cama e dormi.

Na manhã seguinte, acordei cedo e enterrei a lagarta. Quando os outros chegaram, disse que ela tinha morrido sozinha, durante a noite. Mostrei onde havia enterrado o corpo. Buscamos flores, cobrimos o túmulo da lagarta. Depois, ajoelhamos e rezamos pela alma dela. E a lagarta virou santa.

Durante a reza, esmaguei com o joelho uma formiga que carregava uma folha. Os outros nem viram.

(Carlos Carvalho, Calendário do medo)

Como um exercício de interpretação de texto, leia o conto acima e, em meio às muitas leituras possíveis, faça a sua. Que idéias importantes você encontra nele para desenvolver? Destaque-as em seu caderno e escreva argumentando a respeito de cada uma. Apenas para despertá-lo (a) sobre a exploração do texto, pense nos questionamentos abaixo, mas não fique limitado a eles, continue refletindo por você mesmo (a):

1. O conto é intitulado A lagarta, um animalzinho insignificante constante em todo o conto, mas será que a questão central está nela? Por que ela está presente de forma tão patente?
2. Como você analisa o comportamento inofensivo da lagarta – um ser irracional – diante da atitude agressiva do personagem-narrador – um ser humano?
3. Que dizer dos adjetivos que descrevem a lagarta? Têm as mesmas significações ao longo do texto ou à medida que a narrativa prossegue, seus sentidos vão mudando? Se você achar que vão mudando, que efeitos estariam trazendo para a compreensão da diegese? Você notou que a cor dada à lagarta é “cinzesverdeada”, ou seja, uma mistura de cinza (que pode remeter à morte) e verde (que pode remeter à vida)? Esse adjetivo pode estar associado ao modo ambíguo com que a lagarta foi tratada pelo menino?
4. Você percebe uma alteração de tom do discurso na relação entre o menino e a lagarta à proporção que a narrativa avança?

Essas são apenas algumas idéias para estimular você a entrar na semiose do texto. Agora, vá em frente e, uma vez terminada sua interpretação, se você quiser, peça a opinião do professor-tutor sobre o que você escreveu.

PRÓXIMA AULA

Logo mais você verá como se constrói uma crítica dentro de um padrão acadêmico.



REFERÊNCIAS:

CARVALHO, Carlos. **Calendário do medo**. Porto Alegre: Movimento/ Instituto Estadual do Livro, 1975.

RALLO, Elizabeth Ravoux. **Métodos de crítica literária**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa II**. São Paulo: Cultrix, 2000.